

O Conselho Espírita Internacional e a internacionalização do modelo federativo brasileiro

No artigo anterior, “**A Revista Espírita (*Revue Spirite*), do Conselho Espírita Internacional, é uma afronta ao trabalho de Kardec**”, examinei principalmente um problema metodológico: a distância entre a maneira pela qual Allan Kardec utilizava a *Revue Spirite* como instrumento de observação, exame e confronto das comunicações mediúnicas e o modo pelo qual a publicação contemporânea do Conselho Espírita Internacional — CEI — incorpora elementos da tradição mediúnica e institucional construída posteriormente.

Mas aquela análise deixa uma questão inevitável: **o que exatamente é o Conselho Espírita Internacional?**

Como ele surgiu?

Por que uma organização supostamente internacional apresenta tamanha proximidade histórica, cultural e doutrinária com o modelo desenvolvido pela Federação Espírita Brasileira?

Essa proximidade não é apenas uma impressão produzida pela leitura de sua atual *Revue Spirite*. A história institucional do CEI, os personagens envolvidos em sua formação, sua estrutura administrativa, a literatura que ajudou a difundir e até o endereço utilizado pela organização revelam uma relação muito mais estreita com o movimento federativo brasileiro do que normalmente se percebe.

1. O que é o Conselho Espírita Internacional

O Conselho Espírita Internacional foi formalmente constituído em **28 de novembro de 1992, em Madri, na Espanha**, durante uma assembleia de representantes de instituições espíritas nacionais.

Segundo o próprio CEI, trata-se de uma organização sem fins lucrativos

resultante da associação de instituições representativas de movimentos espíritas nacionais. Sua missão declarada é promover a “unificação do Movimento Espírita no mundo”, com base nos princípios de Allan Kardec. Entre seus objetivos estão a divulgação do Espiritismo, a realização de congressos, o intercâmbio entre instituições nacionais e a cooperação em atividades doutrinárias, administrativas, assistenciais e editoriais.

O modelo é federativo.

Os membros do CEI não são, formalmente, indivíduos nem centros espíritas isolados, mas organizações nacionais — federações, confederações, uniões e instituições equivalentes. A estrutura institucional compreende Assembleia Geral, Comissão Executiva e Conselho Fiscal. A própria Comissão Executiva é composta por instituições representando diferentes países.

Em princípio, portanto, não se trata de uma estrutura brasileira.

O problema começa quando se examina **como essa organização internacional foi formada e quais forças já estavam organizadas quando ela surgiu.**

2. O CEI não apareceu num vazio institucional

Quando o Conselho Espírita Internacional foi criado, em 1992, a situação do movimento espírita mundial estava longe de ser equilibrada.

O Espiritismo havia nascido na França no século XIX, mas o movimento francês perdeu grande parte da importância social e institucional que possuía anteriormente. No Brasil ocorreu justamente o inverso: durante o século XX, o movimento espírita cresceu enormemente, desenvolveu editoras, federações, congressos, centros, programas de formação e uma vasta produção mediúnica própria.

Quando se inicia a organização internacional contemporânea do Espiritismo, **o maior aparato institucional espírita do mundo já não estava na França, mas no Brasil.**

Essa assimetria é essencial para compreender o CEI.

Não se reuniram, em 1992, movimentos nacionais de dimensões e recursos equivalentes para construir do zero uma nova organização. Um dos participantes já possuía décadas de experiência federativa, um sistema nacional de unificação, enorme capacidade editorial e um patrimônio simbólico formado por nomes como Bezerra de Menezes, Chico Xavier, Emmanuel e, posteriormente, Divaldo Franco como grande divulgador internacional.

Esse participante era o movimento organizado em torno da **Federação Espírita Brasileira**.

3. A FEB aparece desde a formação do organismo internacional

A presença brasileira não começou depois da fundação do CEI.

Ela aparece no próprio processo preparatório.

As articulações que levariam à criação da organização internacional ganharam força no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Nestor João Masotti, então ligado à Federação Espírita Brasileira, participou diretamente dessas iniciativas e posteriormente se tornou uma das figuras centrais do CEI.

A formação institucional culminou em Madri, em 1992. A partir dali consolidou-se progressivamente a estrutura internacional que passaria a organizar congressos mundiais, publicações, traduções e programas de intercâmbio.

Não seria correto afirmar que a FEB “inventou” sozinha o Conselho Espírita Internacional. Representantes de diversos países participaram efetivamente de sua formação.

Mas seria igualmente incorreto tratar a participação brasileira como apenas mais uma entre várias equivalentes.

Ao longo dos anos seguintes, a FEB e seus dirigentes ocuparam posições centrais no desenvolvimento da organização.

4. Nestor Masotti personifica a ligação entre FEB e CEI

Nestor João Masotti é provavelmente o melhor exemplo dessa sobreposição institucional.

Ele se tornou secretário-geral do Conselho Espírita Internacional e também presidiu a Federação Espírita Brasileira.

Durante parte importante da expansão do CEI, portanto, **o dirigente máximo da FEB acumulava uma posição executiva central no organismo internacional.**

Esse detalhe ajuda a compreender a transferência de práticas administrativas, conceitos de “unificação”, políticas editoriais e referências doutrinárias brasileiras para a estrutura internacional.

Não estamos falando apenas de afinidades ideológicas.

Estamos falando de pessoas concretas circulando entre as duas organizações.

A proximidade chegou a ser também física.

5. CEI e FEB chegaram a compartilhar o mesmo endereço institucional

O site atual do Conselho Espírita Internacional informa como endereço:

Av. L2 Norte - Q. 603, Conjunto F (SGAN), Brasília - DF, Brasil.

A Federação Espírita Brasileira informa sua sede no mesmo local:

SGAN 603 - Conjunto F - Avenida L2 Norte, Brasília - DF.

Isso é bastante revelador.

Uma organização internacional que representa instituições de diversos países mantém como endereço de referência justamente a sede da Federação Espírita Brasileira.

Esse dado, isoladamente, não provaria dependência administrativa ou doutrinária.

Mas, somado à trajetória de seus dirigentes, à história de sua formação e à literatura que passou a circular internacionalmente por sua estrutura, ele se torna mais significativo.

Há uma diferença importante entre afirmar que **CEI e FEB são a mesma instituição**, o que seria incorreto, e reconhecer que houve entre elas **uma proximidade institucional excepcionalmente forte**.

A documentação permite afirmar a segunda coisa com segurança.

6. A pesquisa acadêmica já descreveu esse fenômeno como “**brasilianização**”

Existe ainda um elemento externo ao próprio movimento espírita que merece atenção.

Em 2008, o antropólogo Bernardo Lewgoy publicou na revista acadêmica *Religião & Sociedade* o artigo “**A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial**”.

Sua análise é particularmente relevante porque não se trata de um texto produzido dentro das disputas doutrinárias entre kardecistas, roustainguistas ou federativos.

Lewgoy examina o fenômeno sociologicamente.

Logo no resumo, ele fala em uma “**participação hegemônica do kardecismo brasileiro na organização internacional do movimento espírita**” e destaca tanto o papel da Federação Espírita Brasileira quanto a atuação internacional de Divaldo Franco.

O conceito utilizado por ele é bastante esclarecedor: **brasilianização do movimento espírita internacional**.

O que foi exportado não teria sido simplesmente o conhecimento das obras de Allan Kardec.

Segundo Lewgoy, foram internacionalizados elementos formados historicamente no Brasil: o modelo federativo da FEB, a organização das casas espíritas, práticas, ênfases religiosas e um vasto patrimônio bibliográfico brasileiro, especialmente a literatura mediúnica de Chico Xavier e Divaldo Franco.

Isso muda completamente a interpretação do processo.

O que se espalhou pelo mundo nas últimas décadas não foi apenas o Espiritismo francês do século XIX.

Espalhou-se também uma **forma brasileira de organizar, praticar e interpretar o Espiritismo**.

7. Internacionalização não significa simples retorno a Kardec

Esse ponto merece particular atenção.

À primeira vista, uma organização internacional poderia parecer o caminho natural para recuperar a universalidade pretendida pelo Espiritismo.

Mas o processo ocorreu numa direção diferente.

O Brasil não funcionou apenas como conservador das obras francesas.

Ao longo do século XX, desenvolveu uma cultura espírita própria, na qual passaram a ter grande importância autores espirituais e médiuns posteriores a Kardec.

Chico Xavier tornou-se praticamente inseparável da imagem pública do Espiritismo brasileiro.

Emmanuel passou a funcionar, para grande parte do movimento, como uma espécie de intérprete espiritual autorizado.

André Luiz forneceu uma vasta cosmologia sobre o mundo espiritual.

Bezerra de Menezes adquiriu a condição simbólica de grande dirigente espiritual do movimento brasileiro.

A narrativa de Ismael consolidou-se através da tradição ligada à FEB.

Divaldo Franco tornou-se um dos maiores divulgadores internacionais dessa mesma cultura.

Quando esse movimento se expandiu internacionalmente, não levou apenas *O Livro dos Espíritos*.

Levou consigo todo esse patrimônio.

8. A diferença entre “Espiritismo brasileiro” e “febianismo”

É importante, contudo, fazer uma distinção.

Nem tudo o que existe no Espiritismo brasileiro pode ser classificado simplesmente como “febianismo”.

O movimento brasileiro sempre foi plural. Houve oposição histórica ao roustainguismo, críticas à FEB, diferentes interpretações de Kardec e instituições que nunca aceitaram determinadas narrativas consolidadas no campo federativo.

Quando utilizamos aqui o termo **febianismo**, portanto, não estamos falando de tudo aquilo que surgiu no Brasil.

Estamos nos referindo a uma tradição institucional mais específica: aquela construída em torno da FEB e de seu sistema federativo, com sua concepção de unificação, seus programas de formação, sua literatura de referência e sua valorização de determinadas autoridades mediúnicas.

Dentro desse ambiente aparecem, em diferentes momentos históricos, elementos como:

a tradição de Ismael;

Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho;

a literatura de Chico Xavier e Emmanuel;

a influência histórica de Roustaing;

a centralidade da unificação federativa;

a valorização de mensagens atribuídas a dirigentes espirituais do movimento.

Isso não significa que cada pessoa ligada ao CEI aceite necessariamente todas essas ideias.

Seria uma generalização indevida.

O que se pode demonstrar é que **essa cultura institucional brasileira teve influência desproporcional na formação do organismo internacional.**

9. O caso de Divaldo Franco ajuda a compreender a expansão

A internacionalização do Espiritismo brasileiro também não aconteceu apenas por meio de dirigentes administrativos.

Divaldo Pereira Franco exerceu papel extraordinariamente importante.

Durante décadas, realizou viagens, palestras e congressos em diversos países, tornando-se uma das figuras mais conhecidas do Espiritismo fora do Brasil.

Bernardo Lewgoy inclui explicitamente Divaldo em sua análise sobre a exportação da tradição espírita “made in Brazil”.

Isso produziu um efeito importante.

Quando comunidades espíritas relativamente pequenas da Europa, América do Norte ou América Latina entravam em contato com um movimento brasileiro altamente organizado, recebiam não apenas literatura de Kardec, mas também palestrantes, livros psicografados, programas de estudo, métodos administrativos e modelos de funcionamento de centros.

O crescimento internacional ocorreu, portanto, através de um pacote cultural muito mais amplo.

10. O peso brasileiro aparece até em congressos realizados fora do Brasil

A assimetria também se revelou na composição dos grandes encontros internacionais.

Lewgoy relata que, no Congresso Espírita Mundial realizado em Paris em 2004, a participação brasileira era numericamente muito superior à dos demais países.

Esse dado não deve ser interpretado como alguma irregularidade. Se havia mais brasileiros interessados e com capacidade de participação, era natural que fossem numerosos.

Mas ele revela onde estava o verdadeiro centro de gravidade do movimento internacional.

O congresso podia ocorrer em Paris.

A origem histórica do Espiritismo podia estar na França.

O discurso podia ser internacional.

Ainda assim, o movimento brasileiro possuía uma presença social e institucional muito maior.

É difícil imaginar que uma diferença dessa magnitude não produzisse consequências culturais.

11. O modelo da “unificação” também veio do Brasil

Outro elemento frequentemente tratado como se fosse neutro é a própria ideia de “unificação”.

O CEI declara que uma de suas principais missões é promover a unificação do movimento espírita mundial.

Mas essa linguagem já era profundamente familiar ao movimento federativo brasileiro.

Depois do Pacto Áureo de 1949, a FEB consolidou um sistema nacional de articulação das entidades federativas através do Conselho Federativo Nacional.

Com o passar dos anos, “unificação” deixou de significar apenas aproximação fraterna entre espíritas e passou a designar também um complexo sistema de orientações, programas, encontros, materiais de estudo e estruturas administrativas.

Quando o CEI surge décadas depois, encontra esse modelo pronto.

É difícil não perceber a correspondência.

No plano nacional:

FEB → federações estaduais → centros espíritas.

No plano internacional:

CEI → instituições nacionais de unificação → movimentos nacionais.

O formato não é idêntico juridicamente, mas a lógica federativa é claramente semelhante.

12. O problema começa quando organização e doutrina passam a se misturar

Até esse ponto, poderíamos estar diante apenas de uma exportação administrativa.

Uma instituição brasileira possuía experiência federativa e ajudou outras instituições a se organizar.

Nada haveria de necessariamente problemático nisso.

A questão muda quando os elementos especificamente religiosos da tradição brasileira começam a acompanhar a estrutura administrativa.

É justamente aí que o artigo anterior sobre a atual *Revue Spirite* se conecta a esta

investigação.

O CEI não divulgou somente Kardec.

Ele também difundiu literatura e comunicações ligadas ao universo mediúnico brasileiro.

E alguns exemplos são particularmente reveladores.

13. Ismael atravessa a fronteira brasileira

Em 2019, após reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB, uma mensagem atribuída a Bezerra de Menezes foi recebida psicofonicamente por Divaldo Franco.

O texto foi divulgado pelo Conselho Espírita Internacional.

Nele aparece novamente a ideia de que o Brasil possuiria uma missão confiada por Jesus a Ismael.

Essa narrativa é profundamente brasileira.

Ela não provém da investigação realizada por Kardec na França.

Não nasceu da concordância universal de comunicações obtidas independentemente em diversos países.

Está ligada historicamente à tradição que se desenvolveu no ambiente da Federação Espírita Brasileira.

Quando o organismo internacional passa a publicar esse tipo de mensagem, ocorre algo muito significativo:

uma crença produzida dentro da história particular do movimento brasileiro ganha circulação através de uma instituição que se apresenta como representação mundial do Espiritismo.

É assim que uma tradição local pode adquirir aparência universal.

14. Até os “desencarnados do CEI” aparecem na narrativa institucional

Outro episódio é ainda mais expressivo.

Na Assembleia Geral do CEI realizada na Cidade do México em outubro de 2019, foi divulgada uma mensagem psicográfica atribuída a **Nestor João Masotti e à “equipe dos membros desencarnados do CEI”**, recebida por Marta Antunes de Moura. O próprio site do CEI publicou a comunicação junto ao relato da assembleia.

A expressão merece atenção:

“membros desencarnados do CEI”.

O Conselho deixa de aparecer apenas como associação administrativa constituída por instituições encarnadas.

Surge, paralelamente, uma representação espiritual da própria organização.

Isso é extremamente característico do imaginário religioso que se desenvolveu em setores do Espiritismo brasileiro: instituições terrenas acompanhadas por supostas estruturas espirituais correspondentes, dirigentes encarnados auxiliados por dirigentes desencarnados, missões institucionais confirmadas através da mediunidade.

O problema metodológico é o mesmo analisado no artigo anterior.

Não basta dizer que determinado dirigente desencarnado enviou uma mensagem.

É preciso demonstrar por quais critérios sua identidade foi estabelecida e que estatuto aquela comunicação possui.

15. A *Revue Spirite* entrou exatamente nesse ambiente

A situação se torna ainda mais delicada quando lembramos que o Conselho Espírita Internacional passou a administrar a própria *Revue Spirite*.

Documentos institucionais do CEI registram negociações entre o Conselho e a Union Spirite Française et Francophone envolvendo a revista e sua continuidade. Em documentação disponibilizada pelo próprio CEI aparece uma proposta de acordo relativa à *Revue Spirite*, apresentada conjuntamente pelo dirigente francês Roger Perez e pelo então secretário-geral do CEI, Nestor Masotti.

Esse ponto é essencial para compreender o artigo anterior.

A revista histórica de Kardec não chegou simplesmente ao século XXI por uma sucessão intelectual linear.

Ela passou por transformações institucionais e acabou inserida numa organização internacional que havia sido construída sob forte influência do modelo espírita brasileiro.

Essa organização, por sua vez, carregava consigo uma cultura doutrinária muito diferente daquela encontrada na França de Kardec.

16. A própria revista atual revela essa mistura

Na edição contemporânea da *Revue Spirite*, encontram-se Kardec, reflexões filosóficas, ciência, religião e referências oriundas da literatura mediúnica brasileira.

No número de julho de 2023, por exemplo, a revista se identifica formalmente como *Journal d'Études Psychologiques*, fundada por Allan Kardec, mas utiliza também referências posteriores como Francisco Cândido Xavier e Emmanuel.

Novamente, o problema não é citar Chico Xavier.

Ele faz parte da história do Espiritismo brasileiro e merece ser estudado.

A questão está em saber **com que estatuto suas obras são colocadas ao lado das fontes que deram origem à própria Doutrina Espírita.**

Essa distinção desaparece facilmente num ambiente cultural que, há décadas, acostumou-se a tratar autores espirituais brasileiros como extensões naturais da obra de Kardec.

Quando essa mesma cultura passa a administrar uma revista internacional que reivindica o legado histórico da *Revue Spirite*, a confusão ganha dimensão mundial.

17. A influência brasileira continua, mas o CEI não é simplesmente uma filial da FEB

É necessário evitar um exagero.

O CEI possui atualmente participação de instituições de numerosos países e dispõe de mecanismos próprios de decisão.

Em 2019, por exemplo, 22 países participaram com direito a voto em sua Assembleia Geral na Cidade do México. A escolha do local do Congresso Espírita Mundial de 2025 contou com candidaturas do Brasil, dos Estados Unidos e do Uruguai, tendo vencido a proposta uruguaia.

Isso demonstra que o CEI não funciona simplesmente como uma repartição subordinada à FEB.

Sua composição é efetivamente internacional.

A questão é outra.

Uma instituição pode ser juridicamente independente e ainda carregar profundamente a cultura de quem mais influenciou sua formação.

Aliás, isso é comum em processos de internacionalização.

A organização torna-se multinacional, enquanto categorias, métodos e pressupostos culturais do grupo fundador permanecem incorporados em sua estrutura.

18. Os dirigentes atuais também mostram uma rede transnacional complexa

A página institucional do CEI lista, para o triênio 2023-2025, uma Comissão Executiva formada por representantes de vários países. Entre eles estava Jussara

Pretti Korngold, representando os Estados Unidos como secretária-geral, além de representantes de Portugal, Chile, Cuba, Guatemala e outros movimentos nacionais.

A própria trajetória de muitos participantes mostra, porém, como nacionalidade institucional e formação cultural nem sempre coincidem.

Há brasileiros ou pessoas formadas no ambiente espírita brasileiro atuando em organizações de outros países.

A diáspora brasileira ajudou a estabelecer centros e federações em vários lugares.

Assim, contar quantas bandeiras aparecem numa comissão não é suficiente para medir influência cultural.

Uma federação norte-americana pode ser institucionalmente dos Estados Unidos e, ainda assim, ter sido profundamente formada por brasileiros.

Uma associação europeia pode estar juridicamente estabelecida na Europa e utilizar bibliografia, palestrantes e métodos originados no Brasil.

É justamente por isso que Lewgoy fala em transnacionalização, e não simplesmente em expansão territorial.

19. O CEI é internacional; o modelo que o alimentou, porém, foi fortemente brasileiro

A formulação mais precisa parece ser esta:

o Conselho Espírita Internacional é uma organização internacional real, composta por instituições de diversos países, mas sua formação ocorreu durante um período de acentuada hegemonia organizacional do Espiritismo brasileiro.

Essa hegemonia permitiu que o modelo federativo da FEB, sua literatura e parte de seu universo simbólico adquirissem uma presença internacional que ultrapassava muito o peso demográfico dos movimentos espíritas de outras

nações.

Lewgoy chega a falar explicitamente em participação hegemônica do kardecismo brasileiro na organização internacional do movimento.

A palavra é forte, mas não foi empregada por um polemista do movimento.

Foi utilizada numa análise acadêmica.

20. O ponto mais delicado: quando “internacional” passa a significar “universal”

Aqui está talvez a consequência mais importante.

Uma organização possuir representantes de diversos países não transforma automaticamente suas crenças em princípios universais do Espiritismo.

Essa confusão precisa ser evitada.

Uma mensagem pode circular por vinte países e ainda continuar sendo uma mensagem particular.

Um livro pode ser traduzido para quinze idiomas e continuar contendo a opinião de um único Espírito.

Uma instituição internacional pode adotar determinada narrativa e isso ainda não equivaler ao Controle Universal do Ensino dos Espíritos.

Esse cuidado é fundamental porque a própria existência do CEI pode produzir um efeito psicológico de legitimação.

Se algo aparece no **Conselho Espírita Internacional**, pode parecer que “o movimento espírita mundial” reconhece aquilo.

Mas representação administrativa não é comprovação doutrinária.

Kardec jamais estabeleceu que uma assembleia de federações pudesse substituir o exame dos fatos.

21. O problema da *Revue Spirite* torna-se então mais fácil de compreender

É nesse contexto que o artigo anterior deve ser lido.

A atual *Revue Spirite* não surgiu simplesmente como uma revista isolada que, por acaso, passou a publicar elementos do Espiritismo brasileiro.

Ela está inserida numa história institucional muito maior.

O movimento francês perdeu centralidade.

O brasileiro cresceu enormemente.

A FEB desenvolveu uma poderosa estrutura federativa.

Essa estrutura participou da criação e consolidação do CEI.

Dirigentes transitaram entre FEB e CEI.

A organização internacional operou durante períodos a partir do mesmo endereço da Federação brasileira — e o site do CEI ainda hoje indica o SGAN 603, Conjunto F, em Brasília, que é também a sede da FEB.

A literatura brasileira foi internacionalizada.

O conceito federativo de unificação foi internacionalizado.

Autores espirituais brasileiros foram internacionalizados.

Narrativas como a de Ismael chegaram ao próprio CEI.

Por fim, a *Revue Spirite* passou para a esfera dessa organização.

Vista assim, a situação deixa de parecer uma coincidência editorial.

Ela é consequência de um processo histórico.

22. A questão não é expulsar o Brasil do Espiritismo internacional

Seria absurdo concluir que, por ser brasileira, determinada contribuição deva ser rejeitada.

O Brasil produziu uma história espírita riquíssima, grandes pesquisadores, médiuns, escritores, instituições e enorme quantidade de documentação.

A origem nacional de uma ideia não determina sua verdade.

A crítica necessária é outra.

Da mesma maneira que uma teoria francesa não se torna verdadeira porque surgiu no país de Kardec, **uma crença brasileira não se torna universal porque foi incorporada por uma organização internacional.**

Tudo deve passar pelo mesmo exame.

Se uma informação atribuída a Emmanuel estiver correta, poderá ser confirmada pelos fatos.

Se uma afirmação de André Luiz descrever realmente uma lei espiritual, ela deverá resistir à investigação.

Se a missão de Ismael for uma realidade objetiva, não dependerá da autoridade da FEB para existir.

E se Roustaing estiver correto sobre determinado ponto, também deverá ser possível demonstrá-lo sem recorrer ao prestígio de qualquer instituição.

Essa simetria é indispensável.

Conclusão

O Conselho Espírita Internacional não pode ser compreendido apenas pela palavra “internacional” contida em seu nome.

Sua história está profundamente relacionada à expansão mundial do Espiritismo

brasileiro nas últimas décadas do século XX.

A FEB possuía estrutura, recursos, experiência federativa e produção editorial num grau incomparavelmente superior ao de grande parte dos movimentos espíritas nacionais quando o CEI começou a ser organizado.

Seus dirigentes participaram diretamente desse processo.

Nestor Masotti simboliza essa ligação ao ter exercido papéis centrais tanto na FEB quanto no CEI.

O mesmo endereço em Brasília utilizado pelas duas organizações materializa uma proximidade que já existia na formação institucional.

A pesquisa acadêmica de Bernardo Lewgoy ajuda a compreender o fenômeno em termos mais amplos: não ocorreu apenas uma internacionalização do Espiritismo, mas uma **transnacionalização do Espiritismo brasileiro**, acompanhada da exportação do modelo federativo da FEB, de suas práticas e de seu patrimônio bibliográfico.

É nesse ambiente que a atual *Revue Spirite* precisa ser situada.

Ao passar para a esfera do CEI, a revista fundada por Kardec entrou numa organização internacional já profundamente marcada pela cultura espírita brasileira.

Por isso encontramos, lado a lado, o nome de Allan Kardec, a reivindicação do histórico *Journal d'Études Psychologiques*, literatura psicográfica brasileira, mensagens atribuídas a dirigentes espirituais e até a continuidade da narrativa de Ismael.

O ponto decisivo não é negar ao Brasil o direito de contribuir para o Espiritismo mundial.

É impedir que **hegemonia institucional seja confundida com universalidade doutrinária**.

Uma federação pode tornar uma ideia popular.

Uma editora pode imprimir milhões de exemplares.

Um médium pode falar para milhares de pessoas em dezenas de países.

Um conselho internacional pode difundir uma mensagem pelo mundo inteiro.

Nada disso substitui o método.

E justamente esse é o elo entre este estudo e o artigo anterior: quanto mais internacional se torna uma instituição que reivindica representar o Espiritismo, **maior deveria ser seu compromisso em distinguir tradição cultural, autoridade institucional e conhecimento efetivamente demonstrado.**

Foi para realizar essa distinção que Kardec criou instrumentos como a crítica racional, a comparação independente e o controle universal.

Sem eles, o que se internacionaliza não é necessariamente o Espiritismo.

Pode ser apenas uma tradição particular que adquiriu alcance mundial.

Referências bibliográficas

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. “Missão do Conselho Espírita Internacional”. O CEI informa ter sido fundado em 28 de novembro de 1992, em Madri, como associação de instituições nacionais de unificação espírita.

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. “Members”. Página institucional que descreve a composição do CEI, sua Assembleia Geral, Comissão Executiva e Conselho Fiscal, além da Comissão Executiva indicada para o triênio 2023-2025.

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. “Assembleia Geral do Conselho Espírita Internacional”, 2019. Registro da reunião realizada na Cidade do México, da participação de 22 países, da eleição da Comissão Executiva e da mensagem atribuída a Nestor João Masotti e à “equipe dos membros desencarnados do CEI”.

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. Site institucional. O endereço divulgado pelo CEI é Av. L2 Norte, Q. 603, Conjunto F, SGAN, Brasília - DF.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Documentação institucional e editorial.

A FEB informa sua sede no SGAN 603, Conjunto F, Avenida L2 Norte, Brasília – DF.

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL; UNION SPIRITE FRANÇAISE ET FRANCOPHONE. Documentação relativa à *Revue Spirite*. Registra proposta apresentada por Roger Perez e Nestor Masotti acerca da continuidade e administração da publicação.

LEWGOY, Bernardo. “A transnacionalização do espiritismo kardecista brasileiro: uma discussão inicial”. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 84-104, 2008. O autor analisa a influência da FEB e de Divaldo Franco na internacionalização do modelo espírita brasileiro e utiliza a noção de participação hegemônica do kardecismo brasileiro na organização internacional do movimento.

CONSELHO ESPÍRITA INTERNACIONAL. *Revue Spirite – Journal d’Études Psychologiques*, ano 166, nº 12, julho de 2023. A edição se apresenta como continuidade nominal da revista fundada por Allan Kardec e é propriedade do CEI.

PIRES, J. Herculano; ABREU FILHO, Júlio. *O Verbo e a Carne: duas análises do roustanguismo*. São Paulo: Paidéia. Obra relevante para compreender as divergências históricas entre o modelo kardeciano de exame doutrinário e a tradição roustanguista difundida em setores do movimento federativo brasileiro.

GARCIA, Wilson. *Ponto Final: o reencontro do Espiritismo com Allan Kardec*. Capivari: EME, 2020. Estudo sobre a implantação e desenvolvimento do roustanguismo brasileiro e suas relações com a história institucional do movimento.